

Alex Dahl

**O Rapaz à Porta**

Tradução  
Mário Dias Correia

 Planeta

Para Oscar e Anastasia, com amor



# Primeira parte



## Capítulo 1

Terça-feira, acordo zangada. Acontece-me muitas vezes, para ser franca, mas hoje é pior do que de costume. Em primeiro lugar porque acordo sozinha – o Johan foi a Londres, pela terceira vez este mês –, e em segundo porque estamos em Novembro e vai estar escuro até quase às dez da manhã. Levanto-me da cama, relutante, e fico algum tempo à janela, a olhar para o porto. Ainda não são sete, mas do outro lado da baía os carros já se movimentam numa lenta fila em direcção à auto-estrada. A água do porto reflecte debilmente o luar através de uma fina, fantasmagórica, capa de gelo. Lá em baixo, as minhas filhas já começaram a implicar. Olho para o telemóvel e está cheio de mensagens e chamadas não atendidas, mas neste momento não me sinto com forças para tratar disso. Faço várias inspirações fundas, exageradas, e fixo o olhar na Lua, ainda alta no céu; consciência plena é a maneira de seguir em frente, ouvi dizer. Tento ver Sandefjord como é no Verão, quando é de verdade uma alegria olhar por esta janela e ver o bonito e tranquilo porto interior, cheio de embarcações de recreio, e aquela luz brilhante do fim da tarde. Temos mais sol do que qualquer outro lugar na Dinamarca, bem, quase, mas devo dizer que os invernos são muito chuvosos e tristes. De acordo com o boletim meteorológico, podemos contar com mais chuva torrencial esta tarde, mas, por enquanto, o tempo está claro e frio. Inspiro fundo mais duas vezes, numa espécie de preparação mental para o dia que tenho pela frente.

Acho que de vez em quando toda a gente pensa que o mundo é um lugar escuro.



Terça-feira é um dia de caca no meu mundo. Sobretudo agora que a Marialuz decidiu largar-nos a meio do contrato e deixar-me sem empregada. Nunca conseguimos ganhar com esta gente. Não que eu goste por aí além de ter uma estranha em minha casa, mas com toda a certeza também não gosto de ter de fazer o trabalho todo sozinha. É impossível. Sobretudo às terças-feiras, quando as rapariga têm actividades extracurriculares em lados opostos da cidade. A Nicoline tem *ballet* às cinco e a Hermine, natação às seis. Como a Nicoline acaba às seis e meia, tenho de ir buscá-la e levá-la para a piscina, onde ficamos sentadas numas feias cadeiras de plástico a ver miúdos pequenos a balouçar como rolhas na água até às sete e um quarto. A Nicoline queixa-se e lamuria-se durante toda a meia hora que lá passamos, a menos que eu a deixe ver aulas de maquilhagem no YouTube no meu telefone e lhe compre doces, e eu deixo e compro. Óbvio.

Hoje sinto-me ainda mais stressada e irritável do que nas outras terças-feiras porque as coisas não estão a correr bem conforme o planeado no trabalho. Esfalfó-me pelos meus clientes, por vezes de uma maneira muito literal, e mesmo assim eles queixam-se. A Angela Salomonsen teve a distinta lata de me enviar hoje um *e-mail* a dizer que as almofadas de seda violeta que mandei fazer à mão em Lyon ficam cinzento-rola na luz da estufa dela, e posso ligar-lhe agora para discutirmos a situação? É o género de coisa que tenho de lidar como *designer* de interiores numa cidade rica, cheia de donas de casa mimadas e com tempo a mais. Por vezes penso que é um milagre eu conseguir trabalhar de todo, considerando que tenho duas filhas pequenas e o meu marido anda sempre a viajar e não tenho empregada. Não é que precise mesmo de trabalhar, mas gosto do que faço, e é considerado um pouco preguiça uma pessoa ficar em casa sem fazer nada. A menos que tenha um negócio de queques com sede na bancada da cozinha e um blogue para falar

disso, coisas que eu não tenho porque detesto queques e blogues. Seja como for, ser eu sai caro.

Lá fora chove com força, e enquanto vejo as rajadas de chuva açoiatar as janelas do chão ao tecto do outro lado da piscina, ocorre-me que nem me lembro do último dia em que não choveu. Penso que Novembro é assim em muitos lugares, mas acho que sou uma dessas pessoas que se deixam afectar mais do que as outras por céus tristes e ventos húmidos. Sou Touro, ao fim e ao cabo, e gosto que o meu ambiente seja sempre bonito, se possível.

Um rapazinho chama-me a atenção quando as crianças fazem fila para saltar da prancha de um metro, nem sei dizer porquê. É bastante mais pequeno do que as outras crianças e tem uma pele castanho-escuro e suave. Saltita para cima e para baixo sobre os calcanhares e esfrega os braços, mas o seu rosto está despido das expressões apatetadas dos outros miúdos que esperam a sua vez. Parece assustado. Olho em redor para os outros pais que esperam na sala sobreaquecida e húmida à procura de alguém que possa ser o pai ou a mãe do rapaz. Não me lembro de já o ter visto aqui. Lá está a rechonchuda mãe da rechonchuda Sara com quem tento sempre não ter de falar. Ouvi várias pessoas dizerem que é uma pessoa muito carenciada e a última coisa de que preciso neste momento é uma amiga das que se agarram a nós como uma lapa. Lá está o pai do Emrik, um tipo atraente que foi meu colega de escola em tempos idos e é agora agente da polícia e a quem eu dou uma olhadela de vez em quando antes de desviar o olhar. E lá estão os avós da melhor amiga da Hermine, a Amalie, sentados juntos e a partilhar biscoitos de uma velha e desbotada lata de bolos encarnada. Imagino que os outros pais devem estar no parque de estacionamento, preferindo os seus casulos açoitados pela chuva e um jornal a ouvir os guinchos agudos dos miúdos rasgarem o ar quente e pegajoso.

Por fim, a aula da Hermine acaba, depois de duas tentativas muito pouco impressionantes de mergulho, e ela aproxima-se do lugar onde eu e a Nicoline estamos sentadas.

– Viram aquilo?



Sorri, mostrando a larga e carnuda fenda da boca onde faltam seis dentes ao mesmo tempo.

– Fantástico – digo eu, enquanto me levanto da cadeira, reúno as nossas coisas e dou uma cotovelada à Nicoline, que está a ver uma miúda americana de dez anos aplicar uma grossa camada de base antes de usar o pincel com gestos experientes para contornar a sua carinha de elfo. – Despacha-te no vestiário. Estamos à tua espera no vestíbulo.

A Hermine não se despacha no vestiário, e eu e a Nicoline esperamos impacientes no vestíbulo de chão de tijoleira, a ver as colunas de chuva moverem-se de um lado para o outro no parque de estacionamento como dançarinos num salão de baile. Estou sempre a olhar para o relógio e já passa das sete e meia quando a Hermine aparece, com o cabelo acabado de secar com o secador e um toque de batom cor-de-rosa não obstante o facto de estar prestes a entrar numa torrente.

Quase consigo sentir o fino e frio pé do copo de vinho na minha mão e fico cada vez mais histérica à ideia de ter de aturar as raparigas por muito mais tempo hoje.

Começam a discutir por qualquer coisa mal saímos a porta, e no meio das suas vozes agudas e do martelar da chuva, só ouço o outro som quando já avancei vários passos no parque de estacionamento. Volto a cabeça e lá está a recepcionista, uma velhota de ar cansado com apertados caracóis cinzentos e uma camisola que diz «Feliz Natal». Grita o meu nome e faz-me sinal para voltar a entrar, e é tão típico, uma das raparigas deve ter deixado qualquer coisa para trás.

– Cecilia, não é verdade? – pergunta quando eu entro, já encharcada. Volto a reparar no rapazinho, o que me chamou a atenção na piscina. Está sentado num banco, a olhar para o chão, os cabelos a pingar para a tijoleira castanha.

– Sim?

– Bem... estava a pensar se lhe seria possível levar este rapazinho a casa? Não veio ninguém buscá-lo.

– Como é possível, não veio ninguém buscá-lo?

A recepcionista aproxima-se do lugar onde estou, junto à porta, e aponta para o garoto sentado no banco.

– Talvez tenha havido um mal-entendido... Ele sabe onde mora. Em Østerøya, fui ver à lista, não parece muito longe da sua casa.

– Lamento, é mesmo muito inconveniente – digo, a olhar para a noite escura e húmida, agora com pena. – Não há mais ninguém que possa levá-lo?

– Foram-se todos embora.

Diabos levem a Hermine e o seu secador.

– Já ligou aos pais?

– Já, a chamada vai directa para o *voice-mail*.

– Ele não pode apanhar um autocarro, ou coisa assim?

A recepcionista lança-me um olhar assim meio frio e aponta por cima do meu ombro para o dilúvio lá fora.

A Nicoline e a Hermine olham de boca aberta de mim para o rapaz, para a recepcionista, e de novo para mim. A ideia de ninguém as ir buscar às suas actividades é impensável, aliás como deveria ser. Que género de pais não aparecem para ir buscar o filho? Há pessoas que deviam mesmo ser proibidas de procriar, para começar.

– Tudo bem – digo. – Claro que o levo.

Olho para o rapaz, à espera de vê-lo levantar-se e seguir-nos até ao carro, mas ele continua sentado, a olhar para o chão.

– Nunca o tinha visto cá – digo à recepcionista. – Como se chama?

– Tobias – responde ela. – É um ano mais velho do que a Hermine. Começou no clube dos 2007 há algumas semanas, mas como é muito pequeno para a idade e nunca tinha nadado grande coisa, pusemo-lo com os miúdos de 08.

– Estou a ver.

Tento não pensar na meia hora extra que a estupidez dos pais deste rapaz vai custar-me nem nos meus planos para um grande copo de *Chablis* antes de o Johan chegar a casa. Vou até onde ele está sentado.

– Anda – digo, e apercebo-me de que a minha voz foi dura. Ajoelho a seu lado, e só então ele olha para mim. Faz lembrar um pardal, com uns olhos inquietos e nervosos, mas uma cara doce e meiga, enquadrada por umas sobrancelhas escuras e bem definidas. É minúsculo, parece impossível ser um ano mais velho do que a minha alta e sólida Hermine.

Há nele qualquer coisa de sério, de não infantil, que por um momento me desconcerta, mas então tento empatizar: deve ser o resultado de vir de uma família que se esquece de ir buscar o filho à piscina numa fria e chuvosa noite de Novembro. – Anda – repito, desta vez num tom mais suave. Ele não aceita a mão que lhe estendo, mas põe-se de pé e pega nas suas coisas.

No carro, por uma vez na vida, as duas raparigas estão silenciosas, e o único som é o do rápido e repetitivo vaivém das escovas do limpa-pára-brisas. A Nicoline senta-se à frente, a meu lado, a olhar para as luzes tremeluzentes do porto enquanto atravessamos a cidade a caminho de Østerøya. Espreito pelo retrovisor e vejo que a Hermine está a olhar descaradamente para o Tobias, que voltou a cara pequena e pálida para a janela. A Hermine começa a desenhar na condensação que se forma na janela do seu lado: corações atravessados por setas, as suas iniciais, HW, coelhinhos com rostos sorridentes.

– Mamã? – diz a Nicoline.

– Sim?

– Podes deixar-nos em nossa casa antes de lewares este rapaz?

Ir primeiro a nossa casa significa um desvio de apenas dois minutos e seria bom para as raparigas começarem a adiantar as suas rotinas da noite.

– Está bem. Mas olha que o papá ainda não está em casa. Só aterra às dez.

– Não faz mal.

– Não demoro mais de vinte minutos, de modo que podem ir vestindo o pijama e lavar os dentes.

Meto pelo comprido caminho de acesso e volto a olhar para o rapaz quando a nossa casa surge à vista. É uma visão bastante imponente, com um refulgente telhado preto, muitas janelas iluminadas, garagem para três carros, piscina que se consegue ver por entre as sebes, janelas panorâmicas viradas para o mar e uma acolhedora porta encarnada. Pergunto-me se ele já alguma vez esteve numa casa como esta, mas a sua expressão neutra nada me diz. De novo na rua, tento meter conversa.

– Então, em que escola andas?

Silêncio.

– Tobias?

Silêncio.

– Estás no... hum, segundo ano? No terceiro?

Silêncio. Desisto.

Chegamos por fim à morada que a recepcionista escreveu no verso de um cartão-de-visita e que diz: Sandefjord Sömmerklubb, Østerøyveien 355, mas parece não haver aqui nada. Olho por cima do ombro para o Tobias, mas ele continua sentado e imóvel, como se nunca tivesse cá estado.

– Tobias? É aqui que moras? – Ele assente ao de leve com a cabeça, e finalmente consigo distinguir, por entre a chuva e a escuridão, os contornos de uma estrutura afastada da rua, empoleirada num penhasco.  
– *Okay*, então adeus – digo, mas ele não se mexe.

– Hum, queres que te acompanhe até à porta?

Devagar, o rapaz ergue os olhos até encontrar os meus, e há qualquer coisa na maneira como me olha que me faz sentir ansiosa. Faz que sim com a cabeça. Desvio o olhar para o que me parece ser uma pequena e compacta casa de madeira, a amaldiçoar esta reviravolta dos acontecimentos. Podia estar agora em casa, com os pés em cima do meu novo pufe *InDesign*, um copo de vinho fresco na mão, a folhear a *Casas Escandinavas*, a minha *écharpe* de caxemira *Missoni* a tapar-me os joelhos e a ouvir o crepitar das chamas e o uivo do vento. Em vez disso, estou aqui à chuva, com uma criança muda e estranha, a tentar encontrar os pais. Corro desde o carro, por um íngreme caminho de saibro, até à porta da pequena casa, o rapaz atrás de mim, sem parecer incomodado pelo dilúvio de água gelada. Bato à frágil porta, cuja pintura azul há muito começou a pelar, mas quando o faço abre-se uma estreita fresta, como se não estivesse bem fechada. Não sei muito bem se o som retumbante que ouço acima do martelar da chuva é do meu coração ou de qualquer coisa no interior da casa.

– Olá? – digo em voz alta, com fingida confiança.

A porta abre para o espaço de convívio, mas é evidente que ninguém ali vive – não há mobília, excepto os ossos de madeira descarnados de

um sofá no meio da sala. Há montes de pó por todo o lado, teias de aranha que pendem de cantos escuros e húmidos, caganitas de rato espalhadas pelo chão. Volto-me para o rapaz que ficou parado no umbral, e agora já não duvido de que o som retumbante vem mesmo do meu coração.

– Tobias – digo, e agarro-lhe os ombros ossudos com as duas mãos.

– Esta é a tua casa?

Ele confirma com um aceno de cabeça.

– Onde estão os teus pais?

Nenhuma reacção.

– Tobias, olha para mim! Tens de explicar-me o que está a acontecer aqui! Vives nesta casa? Não parece que more cá alguém.

Continua a não responder, mas eu sigo-lhe a direcção do olhar até ao alto de uma estreita escada. Subo os degraus e os meus passos ecoam no espaço oco e vazio. Estremeço ao pensar nele lá em baixo, sozinho no escuro. Por um breve instante, sinto-me grata pelas minhas duas raparigas. Apesar de todos os seus defeitos e da irritação constante de ouvir as suas intermináveis discussões, não são nem de longe tão esquisitas como este miúdo. No alto da escada há um candeeiro branco da IKEA que se destaca por não estar sujo, desligado, mas que parece ter sido colocado há pouco tempo sobre a espessa camada de pó. Ligo-o e olho em redor na poça de luz. Há dois quartos no primeiro piso, um de cada lado do patamar da escada, e um pequeno lavatório. Num dos quartos há uma enxerga imunda, apoiada contra a parede, e no canto um grande saco de plástico a abarrotar de roupas. No outro quarto, uma enxerga mais pequena foi encostada à janela e um bilhete-postal pende de um prego espetado na parede: Cracóvia. Tem no verso um par de linhas rabiscadas numa língua estrangeira, mas eu pego-lhe de todos os modos e enfio-o no bolso da minha gabardina.

Lá em baixo, o Tobias continua onde o deixei, de pé no umbral, sem deixar que os seus olhos deambulem pela sala. Ajoelho à sua frente, determinada a descobrir uma maneira de comunicar com ele.

– Tobias, tens de dizer-me o que se passa, agora. Vives nesta casa? Volta a assentir com a cabeça.

– Onde estão os teus pais, Tobias?

Nenhuma resposta.

– Olha, vou ter de chamar a polícia.

– Não! – grita, e a força da sua voz surpreende-me. Tinha-a imaginado um débil gemido, a julgar pelo resto do miúdo.

– Tem de ser, Tobias. É óbvio que não posso deixar-te nesta... nesta casa vazia. Onde estão os teus pais, querido?

Enfio a mão no bolso à procura do meu *iPhone* e então lembro-me de que a Nicoline ainda o tem.

– Escuta, vamos voltar a minha casa e fazer alguns telefonemas. Não precisas de te preocupar, Tobias. És uma criança e não fizeste nada de mal. O mais certo é ter havido um mal-entendido qualquer. *Okay?*

Ele sacode a cabeça num gesto seco e a expressão indiferente de momentos antes é substituída por um franzir de sobrolho.

Em casa, estaciono em frente da garagem, uma vez que quase de certeza vou ter de passar o resto da noite a transportar este estranho rapaz de um lado para o outro enquanto a polícia não descobrir onde estão os pais, porque naquela toca vazia não estão de certeza. Desligo a ignição, dou uma olhadela ao retrovisor e fico petrificada, com a mão no fecho da porta. O Tobias chora em silêncio, grandes lágrimas caem-lhe dos olhos e ficam suspensas do queixo por um instante antes de caírem nos *jeans* já encharcados.

– Ei... – digo. – Ei... Vamos para dentro. Faça-te um chocolate quente e podes ver um filme com as minhas filhas enquanto decidimos o que fazer, *okay?*

Parece-me que faz um gesto afirmativo, mas os soluços são tão violentos que fico na incerteza de se não estará só a tremer dos pés à cabeça.

– Por favor – murmura enfim. – Posso ficar cá esta noite? Só esta noite? Eles voltam amanhã. Juro. Juro! Só esta noite! Por favor, não chame a polícia!

– Mas, Tobias, onde estão eles? *Quem* são eles? Teus pais?

– Sim.

– Onde estão?

– Voltam amanhã.

– Como sabes?

– Eles disseram.

Ao ouvir isto, deixo escapar um pequeno suspiro. A julgar pelo estado da casa onde vivem, não acreditaria na palavra dos pais do Tobias a respeito do que quer que fosse.

– Por favor – volta ele a dizer, e há no seu olhar uma expressão tão magoada e veemente que espero um momento antes de dizer «não». Tenho de dizer não, o miúdo não pode ficar cá em casa. Deve ser ilegal acolher uma criança nem que seja por uma noite sem ao menos alertar as autoridades. Podia telefonar agora, e eles viriam logo para cá; homens e mulheres de rostos sérios e pastas negras sentados toda a noite na minha sala a interrogar este rapaz que quase não fala. Haveria telefonemas, choros, súplicas, a expressão espantada na cara do Johan quando chegar do aeroporto daqui a menos de duas horas. Ou... Ou podia pô-lo no quarto de hóspedes, só por esta noite, e deixá-lo na escola amanhã de manhã, e pronto. Nesse caso a escola poderia lidar com ele se os pais não aparecessem.

– *Okay* – digo. – Claro que podes ficar cá esta noite. Mas só uma noite.

Ele assente com a cabeça e faz-me um pequeno e tenso sorriso enquanto percorremos os últimos metros até à porta da frente. Ao lado está pendurado um coração de madeira, feito e pintado pela Nicoline, que diz: «Bem-vindo à família Wilborg!» O Tobias detém-se em frente dele por longos instantes, e há qualquer coisa na sua expressão séria e focada que me perturba. E há também outra coisa; qualquer coisa no seu sorriso: parece-me familiar, como se já o tivesse visto antes. Sandefjord é uma terra pequena. Posso tê-lo visto em qualquer lugar, em qualquer altura. Não é assim tão estranho. Mas há qualquer coisa no seu sorriso... qualquer coisa familiar.

– Bem-vindo – digo, mantendo a porta aberta para ele, com um sorriso tenso, e ele assente com a cabeça e entra no vestíbulo.



Por vezes, se acordo no silêncio da noite, quando a casa parece zumbir suavemente com toda aquela doce normalidade, atravesso descalça o corredor e passo algum tempo no quarto de uma das raparigas. Fico muito quieta, a ouvir o sobe e desce de uma respiração lenta e tranquila. Apesar do inferno por que às vezes me fazem passar, e apesar de, na realidade, ser apenas mais uma mãe trabalhadora a tentar segurar as pontas a um custo astronómico, sinto-me muito grata por elas. O facto de criaturas tão perfeitas e maravilhosas como estas duas me terem escolhido a mim e ao Johan como pais parece-me espantoso.

A Hermine está sempre do contra, tem uma língua afiada e é bonita. É espirituosa e independente, e dominou a arte do sarcasmo desde que era minúscula. A Nicoline é bondosa de dentro, por natureza, tanto em acções como em pensamentos, e não digo isto de ânimo leve, porque mais ninguém nesta família é tão completa e descomplicadamente bom como ela. Quer que todos nós nos demos sempre bem e percebe logo quando qualquer coisa, por pequena que seja, está a dar para o torto. Um dia dará uma mãe incrível. Do género que vive para ver a alegria em carinhas sujas e incrustadas de açúcar. O género de mãe que eu não sou.

Amo as minhas filhas, sem reservas, mas muitas vezes as minhas intenções excedem a minha capacidade prática. Quero ser o género de mãe que lê para os filhos durante horas depois de passar a tarde na cozinha a fazer biscoitos de aveia em forma de unicórnios cor-de-rosa e sem glúten. Quero ser a mãe cuja expressão facial é calma e harmoniosa mesmo depois de elas gritarem «mamã» pela sétima vez. «Mamã, mamã, mamã!», «Sim», quero sorrir, «aqui estou.» Área de refúgio, fornecedora inesgotável de comida, divertimento e consolo tudo junto numa única mulher. Mas a maior parte das vezes não sou essa mãe. Sou a mãe que fantasia a respeito de vinho branco gelado nas rochas da Plage Mala, a que tem vontade de partir coisas quando elas discutem e gritam, aquela cuja paciência maternal que não é nada por aí além.

Mas adoro-as. Sobretudo naquelas horas silenciosas e escuras em que os seus rostos estão vulneráveis e nus à luz da Lua, as suas respirações controladas e calmas, as suas pequenas mãos fechadas junto ao



queixo por baixo de caras despojadas de simulações, a pairar nos limites da infância.

Esta noite é tudo diferente. Fico horas deitada na cama sem conseguir adormecer, a tentar sincronizar a minha respiração com a respiração suave e regular do Johan. Uma parte de mim quer levantar-se e ir ao quarto de uma das raparigas, para ter a certeza de que estão mesmo lá, de que estão a salvo. Quero andar em silêncio pela casa, a certificarme de que está tudo bem, mas não o faço, porque é tudo estranho e diferente, e sei que me desfaço em lágrimas se me mexer um centímetro que seja.